



150 anos de Freud

“SE EU MORRER NASCE OUTRO IGUAL A MIM”¹

Maria Teresa de Arruda Campos
Ricardo de Castro e Silva

"Do rio cujas águas tudo arrasta se diz violento,
mas ninguém diz violentas
as margens que o comprimem"
Bertold Brecht, dramaturgo e poeta alemão.

RESUMO

Este artigo apresenta alguns aspectos da interferência que a psicanálise exerceu no percurso profissional dos autores, que se serviram da dúvida e da busca por outras formas de atuar nas poucas possibilidades que o processo educativo, seja na educação formal (escola) ou na educação não formal (ONG) podia oferecer. Aproximar-se da psicanálise foi uma possibilidade que fez a diferença neste percurso, contribuindo para abrir algumas brechas para que profissionais, alunos, adolescentes e jovens, imersos nesta civilização, pudessem, exercitar o cuidado de si e do outro numa dialética constitutiva da subjetivação de todos.

PALAVRAS-CHAVE

Mal-estar na civilização; Cultura; Escola; Educação não-formal; Violência

“IF I DIE, SOMEONE WILL BE BORN LIKE ME”

ABSTRACT

This paper aims at presenting some interfering aspects that the psychoanalysis had on the professional performance of the authors. They took advantage from the doubt and the search for other performing forms in the few possibilities that the educative process could offer, considering either the formal education (the school) or the non-formal one (NGO). Getting closer to the psychoanalysis was a possibility that made the difference in this performance, contributing to open some opportunities, so that professionals like students, teenagers and the youth, immersed in this civilization, could perform the care on themselves and on the other, according to a constituent dialectic from the subjectivation of all.

KEYWORDS

Civilization and discontents; Culture; Violence; School; Non-formal education

¹ Fala de um menino de 10 anos, no documentário Falcão: os meninos do tráfico, dirigido por Celso Athayde e MV Bill, Programa Fantástico, Rede Globo, 2006

No verão de 1929, Freud começou a escrever o Mal-Estar na Civilização que chegou à distribuição somente em 1930. Trata-se de uma de suas contribuições, baseada em ‘assuntos sociológicos’, como a publicação da Imago (1974).

Freud nos brinda com esta obra, entre outras, na qual baseamos este artigo, que são referências que podem nos conduzir a novas possibilidades de entendimento sobre os tempos atuais.

Nos idos de 1929, Freud já identificava a importância da cultura na vida em sociedade e a possibilidade de, a partir da cultura, estabelecer novas formas de viver em grupo.

Por cultura e civilização, a definição que nos coloca que

cultura e civilização, tomadas em seu sentido etnológico mais vasto, são um conjunto complexo que inclui o conhecimento, as crenças, a arte, a moral, o direito, os costumes e as outras capacidades ou hábitos adquiridos pelo homem enquanto membro da sociedade. (CUCHE, 1999, p.35)

Para aqueles que sempre ‘olharam’ o Freud do divã, da clínica, do sujeito entre quatro paredes, uma outra possibilidade se apresenta: um Freud articulado com seu tempo, preocupado com a sociedade, esforçando-se por desvendar possibilidades e alcances para aquilo em que acreditava - a psicanálise - nas culturas, nas vidas, nos cotidianos, nas diferentes formas de relacionamento e de vivência em sociedade. Dessa forma, Freud olha para o que está a sua volta, o que está posto no social de seu tempo, tão atual nestes distantes anos iniciais do terceiro milênio.

O próprio nome que ele dá à sua produção “O Mal- Estar na Civilização” traduz o que naquele momento o inquieta: as diferentes possibilidades de viver numa civilização (cultura) e o quanto isso influencia e é influenciado por e neste coletivo.

Podemos observar que as diferentes culturas, de todas as partes do mundo, vêm sofrendo um processo que vai além de sua capacidade de preservação da espécie. Destruir, seja física ou emocionalmente, vem ocupando um lugar de destaque onde o medo é seu grande aliado. O controle está com quem detém a melhor tecnologia posta a serviço da demonstração de seu poder. Esse controle pode ser de um país, de um grupo, de uma

pessoa, de uma causa. Ou seja, o macro e o micro podem ser os definidores das regras e os controladores das possibilidades de vivência em sociedade.

A cordialidade deu lugar ao “salve-se quem puder”, que deu lugar ao individualismo, que deu lugar à violência. E esta, podemos dizer que poderia ser apontada tanto como causa quanto como a causadora do mal-estar atual.

A pressa, o acúmulo de afazeres, a impossibilidade de colocar-se no lugar do outro, são gatilhos que atiram as pessoas para cada vez mais longe da possibilidade do viver em grupo de forma respeitosa. Correr desesperadamente contra o tempo e não conseguir mais parar para cuidar de si, para observar-se, observar a natureza, observar as pessoas. Não sobra mais tempo para trocar idéias, para ouvir música, para tomar um banho em silêncio, para sentir a chuva caindo. Correr de um lugar ao outro procurando sabe deus o quê. Ninguém sabe mais nem mesmo o que procura e muito menos tudo o que já perdeu.

As estatísticas têm mostrado que os índices de violência têm aumentado assustadoramente. Todos têm medo de sair de casa, de passear à noite. São casas com muros cada vez mais altos, cada vez mais trancadas. Todos ficam felizes quando diante de um furto ou até um roubo não acontece um estupro, ou uma morte: "ainda bem que não aconteceu nada a ninguém...". Estamos cada vez mais nos acostumando a nos deixar invadir...

A televisão se especializa em noticiários trágicos, em alimentar a banalização da forma de viver violenta apresentando cada vez mais filmes de lutas, ataques, destruição. É tanto tiro que os tiros que acontecem do nosso lado não nos perturbam mais. Só nos incomoda quando o tiro é num parente próximo, num amigo, num filho. Os milhões de desempregados, a fome, o desespero juntam-se aos outros tantos milhões de desanimados e acomodados que não aprenderam a exigir do Estado políticas públicas de atendimento, condições dignas de vida e respeito. A reforma social foi decretada na desobediência à lei, fazendo uma redistribuição de renda conforme a necessidade apresentada: a população está armada, mata e morre em defesa própria.

Estamos assistindo à socialização forçada, seguindo interesses de grupos organizados e hierarquizados, comumente liderados pelo tráfico de drogas. Interessante observar que estas comunidades lideradas por estes grupos organizados aprenderam muito

antes do que o Estado, ou mesmo das Organizações Não-governamentais (que somente no final do século passado começam a ter ações transformadoras em lugar de ações puramente assistenciais) formas de reconhecer as populações marginalizadas vivendo no paralelo das conquistas sociais, fortalecendo a identidade daquelas pessoas como grupo, como um coletivo.

No início do século passado, Freud já nos alertava para toda dificuldade desse viver em sociedade, afirmando que

A vida humana em comum só se torna possível quando se reúne uma maioria mais forte do que qualquer indivíduo isolado e que permanece unida contra todos os indivíduos isolados. O poder dessa comunidade é então estabelecido como 'direito', em oposição ao poder do indivíduo, condenado como 'força bruta'. A substituição do poder do indivíduo pelo poder de uma comunidade constitui o passo decisivo da civilização. (FREUD, 1974, p. 115)

E mais adiante,

“O que faz sentir numa comunidade humana como desejo de liberdade pode ser sua revolta contra alguma injustiça existente, e desse modo esse desejo pode mostrar-se favorável a um maior desenvolvimento da civilização; pode permanecer compatível com a civilização”. (FREUD, 1974, p. 116)

E ainda: ... “o homem de ação nunca abandonará o mundo externo, onde pode testar sua força” (FREUD, 1930, p.103).

Esse sentido de estar, de fazer parte, de ser integrante ativo de sua comunidade e do mundo pode ser o elemento que gera o desejo de construção do coletivo.

“Mais uma vez, portanto, nos contentaremos em dizer que a palavra civilização descreve a soma integral das realizações e regulamentos que distinguem nossas vidas das de nossos antepassados animais, e que servem a dois intuítos, a saber: o de proteger os homens contra a natureza e o de ajustar os seus relacionamentos mútuos. A fim de aprendermos mais, reuniremos os diversos aspectos singulares da civilização, tal como se apresentam nas comunidades humanas. Agindo desse modo, não hesitaremos em nos deixar guiar pelos hábitos lingüísticos ou, como são também chamados, sentimento lingüístico, na convicção de que assim estamos fazendo justiça a discernimentos internos que ainda desafiam sua expressão em termos abstratos. A primeira etapa é fácil. Reconhecemos como culturais todas as atividades e recursos úteis aos homens, por lhes tornarem a terra proveitosa, por protegerem-nos contra a violência das forças da natureza, e assim por diante”. (FREUD, 1974, p. 109)

Os espaços destinados a este aprender a viver em sociedade, por muito tempo, se omitiram desta função de despertar o cuidado com o coletivo, com o lugar comum, com o bem público como aquilo que a todos pode pertencer. O culto ao individualismo ensinou que o cuidar-se de si significa descuidar-se do outro, como se isso fosse possível. Esse sujeito acaba se distanciando do outro e não conseguindo nem mesmo olhar para si mesmo, pois é o outro que nos espelha quem somos. Esse processo não acontece no vazio e sim nas relações num determinado lugar ou em muitos lugares, nas instituições onde passamos muito tempo de nossas vidas.

Vamos pensar um pouco sobre dois espaços: a escola e a ONG, um espaço de educação formal e outro informal, mas ambos com muitas possibilidades de provocar as crianças, os adolescentes e aqueles que ali trabalham ou estudam, a encontrar novas formas desse tão difícil “viver em sociedade”.

Entrar no percurso de Freud por meio de seus textos e dos que o traduzem para uma nova leitura do Mal-estar de hoje pode ajudar estes espaços de vivência e convivência a favorecer a ética do cuidado de si e do cuidado do outro como algo possível e necessário.

Assim como algumas comunidades estão organizadas a partir de um líder (empreendedor, por que não?) que em nome do seu trabalho – comerciante do tráfico de drogas – presta assistência, fornece materiais básicos para a sobrevivência de seus comandados (remédios, cesta básica, pagamento de taxas etc), outras possibilidades começam a aparecer, propondo novas formas de viver em sociedade, baseadas no cuidado de si e do outro como forma de poder viver na civilização.

Como nos aponta Maria Rita Kehl, “...vivemos uma crise ética apoiada em duas vertentes: uma com relação ao reconhecimento da lei e outra à desmoralização do código.

Esta autora ainda nos faz refletir sobre o lugar no qual o indivíduo coloca o outro, nos mostrando que o cuidar de si passa a ser tão narcísico que o outro se torna somente meio: “O homem tende a satisfazer no outro sua agressividade, explorar seu trabalho, utilizar-se dele sexualmente sem seu consentimento....” (FREUD,1974, apud KEHL, 2002, p.21).

Vamos abordar dois espaços onde adolescentes podem viver o mal-estar buscando diferentes formas, novas possibilidades e outros rumos.

A ESCOLA: DO ESPAÇO DE VIOLÊNCIA E DES-PRAZER PARA O ESPAÇO DO SABER, DO COMPROMISSO CONSIGO E COM O OUTRO E DO PRAZER DE APRENDER

Para começo de conversa, vamos pensar a escola, este espaço onde as crianças e adolescentes passam pelo menos preciosas quatro horas de seus dias, por mais de 10 anos.

Assim, precisamos pensar uma escola que em primeiro lugar coloque as crianças e a juventude como atores do seu processo. A escola precisa aprender a ouvir, a ousar entender que o conhecimento possa ser descoberto, criado, organizado a partir da curiosidade; ela precisa entender que não tem à sua frente seres passivos espectadores amorfos, mas sujeitos ativos, repletos de segredos, de desejos e de informações. A juventude, em especial, não pode mais ser chamada de futuro, ela não quer ser conjugada com verbos no futuro.

Somente cuidando das crianças e dos jovens como se cuida de pessoas, e não de suposições, é que os adultos vão conseguir repensar o lugar destinado a eles: lugar de consumistas, conformados e alienados, que usam drogas e são promíscuos ou lugar de sujeitos ativos, com desejos, com necessidades, com potencialidades, com possibilidade de exercício de sua cidadania.

As pessoas que têm "perdido tempo" ouvindo as crianças e os jovens partilham da idéia de que a juventude pode e deve estar engajada no cuidado de si e da sociedade. Quando há participação efetiva e não apenas decorativa, podemos observar um jovem que não está presente nos discursos da mídia, da escola, do serviço de saúde etc. Naquela encontramos pessoas sensíveis, generosas, dispostas a 'cuidar' do mundo, a contribuir para diminuir injustiças e abrir espaços de construção de novas possibilidades de viver em sociedade.

Aqui precisamos fazer uma pergunta: por que de fato a escola continua sendo esse lugar de não- participação? Essa seria sua função? A de formar pessoas não participativas e perpetuar essa cultura na qual estamos vivendo? E esse fazer indiferente seria interessante a quem??? Quem ganha com isso?

É chegada a hora de educadores e alunos sentarem na mesma mesa e "negociarem" as alterações necessárias para uma melhoria na escola e na sala de aula. Tirar a armadura e

as defesas e pensar o que cada segmento precisa fazer, sem medo e sem ataques, aproveitando as diferentes formas como cada um tece o seu fio no conjunto do tecido social.

**Será só imaginação
Será que nada vai acontecer?
Será que é tudo isso em vão?
Será que vamos conseguir vencer?**
(Será, Legião Urbana)

Todas as experiências têm mostrado que quando os e as adolescentes são chamados/as a participar de forma a contribuir para uma melhoria na sua escola, o fazem, muitas vezes, de maneira apaixonada, abrangente e madura, demonstrando seu interesse em participar e valorizando as relações dentro da escola e na sala de aula.

Frases do tipo: "Uma escola de qualidade é aquela onde existe respeito", "Refletir sobre nossa escola é ajudá-la" e "A escola tem que valorizar o aluno" demonstram o lugar que eles gostariam de ocupar e que os adultos envolvidos no processo ensino-aprendizagem não estão permitindo, alegando que dá trabalho, que já tentaram e não obtiveram resultado positivo. Precisamos argumentar que é preciso aprender a trabalhar conjuntamente, que não podemos tentar apenas uma ou duas vezes, mas muitas vezes, que "o caminho se faz caminhando", como diz o poeta.

A questão da depredação do ambiente escolar tem sido motivo de muitos estudos e estes têm demonstrado a revolta com o espaço escolar que, longe de ser um espaço de conquistas, desafios e relação, se torna um espaço de crítica, humilhação, desprazer.

Ao contrário do que muitos professores podem pensar, negociar, buscar normas que satisfaçam o coletivo e que contemplem a relação professor- aluno não significa abrir mão da autoridade. Significa apenas abrir mão do autoritarismo e modificar as relações de poder.

A violência no espaço escolar está em toda parte. Os alunos contidos nas salas sem entender o porquê daquele amontoado de conceitos serem despejados com tanta raiva pelos professores ("*se é tão importante o que ela ensina, porque ela tá sempre de mau humor?*"), as carteiras rabiscadas, quase destruídas com nomes, palavrões, manifestações de um descarregamento em alguma coisa (*será que acalçar o compasso na carteira seria para*

não atirá-lo em alguém?), jogar tudo que é lixo pelo chão (*"quando a escola está bem limpinha, caprichada, a gente acha chato jogar o lixo no chão"*), o recreio acaba sendo o único espaço para soltar a energia (*"eu tava tão nervoso com tudo que vinha acontecendo comigo que quando vi, já tinha chutado ele"*.)

Para os jovens também é muito complicada a figura de homens e mulheres bem sucedidos/as financeiramente, que apresentam comportamentos inadequados socialmente. São vários modelos: políticos corruptos que continuam sendo eleitos, esportistas que agredem dentro e fora do campo, artistas drogando-se e defendendo projetos questionáveis. Está muito difícil ser jovem e ter um modelo com valores de respeito e convivência social.

**"Todos juntos somos fortes
Somos flecha e somos arco
Todos nós no mesmo barco
Não há nada a temer."**

(Saltimbancos, Chico Buarque)

É preciso um grande movimento, com uma mídia comprometida com o novo, com crianças, adolescentes, jovens, adultos, idosos, todos juntos abraçando a mesma causa: trabalhar para ampliar a participação da sociedade civil na construção de uma nova sociedade, mais justa, mais humana e mais solidária.

Há possibilidade de mudança? Mudança como uma outra possibilidade?

A possibilidade, por exemplo de, partindo dos próprios adolescentes/alunos de determinada unidade escolar, propor um grande debate sobre a construção de uma nova cultura que ultrapasse o espaço da sala de aula e atinja a escola como um todo, a família e a comunidade onde esta escola está inserida. Isso seria um projeto pedagógico de aprendizagem do cuidar de si e do outro.

E QUANDO A EDUCAÇÃO ACONTECE FORA DO ESPAÇO ESCOLAR?

Vivemos um paradoxo. A escola tem sido um lugar tão distante da realidade que outras muitas possibilidades de educação foram sendo criadas para suprir esta falta de vinculação da escola com a vida. Surgem então, os espaços de educação não-formal, os projetos de complementação escolar, os projetos de organizações não governamentais entre

outros. Vamos citar abaixo um exemplo de uma atividade de uma ONG, ou seja, uma organização da sociedade civil que organiza ações com adolescentes e jovens, portanto um espaço fora do âmbito escolar.

EMA - ENCONTRO MUNICIPAL DE ADOLESCENTES DE RIO CLARO: Uma possibilidade de ESPAÇO da PARTICIPAÇÃO JUVENIL

Desde 1998, na cidade de Rio Claro, interior de São Paulo, são realizados encontros organizados por adolescentes e jovens participantes do Projeto Semente (Centro de Voluntariado de Rio Claro) para outros adolescentes e jovens provenientes de escolas públicas (poucas escolas particulares têm participado), ONGs e projetos governamentais. São 400 participantes/ ano.

O evento é organizado em seis meses e esta equipe de organização define o tema central, atividades, convidados, capta recursos, mobiliza as secretarias municipais da Prefeitura Municipal, elabora estratégias, busca fundamentação teórica, troca experiências com outros grupos. Tudo isso regado a muita discussão, inúmeras reuniões, noites de trabalho, encontros em grupos com todos os envolvidos (cerca de 50 adolescentes e jovens e 5 adultos) e encontros em subcomissões.

No ano de 2006, o tema definido pelo grupo foi: *“Quando a valorização das diferenças produz desigualdades”*. Para sensibilizar os participantes para os temas, foi montada uma estrutura em dez salas abordando os temas: tribos, gênero, sexualidade, família, mídia, dinheiro, racismo, corpo, relações de poder e criação. Todos os participantes divididos em grupos passaram por todas as salas seguindo um percurso pré-estabelecido.

Esta atividade foi assim descrita por um jovem²: num texto distribuído internamente,

“ Nesta atividade pretendemos pensar sobre as desigualdades. Onde estão presentes na nossa vida? De onde vêm? O que geram? Vivemos em sociedade e entre pessoas diferentes de nós. São muitas as diferenças e isto não é ruim. O problema é hierarquizar estas diferenças colocando umas como superiores e outras inferiores, umas melhores e outras piores, algumas favorecendo mais direitos que outras. É aí que surgem as desigualdades. Igualdade/Desigualdade está ligada a dignidade e direitos. Queremos garantir o direito de ser diferente e

² Este texto foi originalmente escrito por Leonel de Arruda Machado Luz, 22 anos, depois foi ‘palpitado’ por outros membros da comissão organizadora e fez parte do conjunto de materiais que foram usados para discutir o tema e as atividades com os jovens e adolescentes envolvidos com a organização do evento.

viver com dignidade. Quando estas diferenças ferem a condição humana elas são desigualdades e devem ser combatidas, como, por exemplo, a desigualdade econômica, a desigualdade de gênero, a desigualdade racial, entre outras. Esta luta se dá em dois campos: Um do reconhecimento de que somos diferentes e outro em uma luta política para garantia de direitos e políticas públicas que eliminem as desigualdades.

Queremos ampliar a idéia de desigualdade para pensarmos com profundidade como combatê-la. Não temos uma definição clara de onde vêm as desigualdades, mas podemos identificar lugares comuns e questioná-los, não achando que é tudo natural. A desigualdade não é natural. Nesta primeira atividade trabalharemos com a questão da desigualdade de forma sensorial, vivencial. Qual o cheiro? A cor? O que ela me lembra? O quanto eu me mobilizo quando me deparo com ela? Percebo? Passo batido? E este é o ponto: a mobilização pessoal e coletiva. Queremos mobilizar as pessoas para que cuidem de si, da sua saúde e da saúde da coletividade, combatendo as desigualdades. Queremos exercitar o cuidado e a mobilização. E tudo isso junto. Nos encontros de uns com outros cada um pode achar respostas, mas pode também começar a fazer perguntas. Será que precisa ser assim? Pode ser de outro jeito?"

Esse jeito jovem de abordar questões tão sérias foi extremamente positivo. O envolvimento dos grupos foi surpreendente e as discussões que ocorreram tanto na última sala onde cada grupo passou e também na atividade de encerramento puderam trazer uma abertura para novos olhares, novos posicionamentos diante de tantas situações do dia-a-dia.

Cada uma das onze salas foi organizada de forma a favorecer que na entrada do grupo cada participante vivenciasse aquele tema, seja pelos objetos, palavras ou frases que compunham o cenário, seja pela dramatização dos adolescentes e jovens que facilitavam esta vivência, seja pelas músicas, pelos cheiros, pelas palavras ditas ou caladas. As salas foram cuidadosamente cuidadas para que despertassem cada participante para o tema. Ao sair de uma sala, caminhavam ora de mãos dadas, ora grudados, ora abraçados, ora acorrentados até a próxima sala. Na última sala de cada grupo, houve uma discussão tentando articular as salas, levantando sentimentos vividos, medos, raivas, sustos.

Para exemplificar a forma como as salas foram organizadas, apresentaremos uma delas: a sala do Corpo. (Lembre-se ao ler o roteiro da sala de que a idéia é discutir como as questões que envolvem o corpo colocam as diferenças e produzem desigualdades. Lembre-se ainda que para entender dessa forma o que tem orientado o trabalho da Ong é entender o sujeito como criador e criatura, como aquele que faz a sua história, é influenciado pela história de seu tempo e cria novas possibilidades).

Responsável: Natália, 18 anos

Atividade: Antes de entrar na sala, o grupo será dividido em 2 (uns serão “Picanha”, outros serão “Filé Mignon”). O Açougueiro/a estará vendendo as partes dos corpos. Um grupo monta uma menina perfeita com as partes do corpo oferecidas para comprar, e o outro grupo monta um homem perfeito com as partes do corpo oferecidas também para comprar.

Objetos: Um Rádio.

Facão, roupa de açougueiro/a, placas com os nomes das partes do corpo, ganchos, e adereços para melhor caracterizar o/a personagem.

Imagens:

Perna – com canela fina, coxa grossa....

Barriga – Malhada, de chopp,

Peito – pequeno, grande, caído, ...

Olho – Azul, preto, verde, puxado (oriental),

Braço – Malhado, tatuado ...

Cabelo – Loiro, castanho, ruivo, encaracolado, ...

Partes de corpos (perna, barriga, peito, nariz, etc) de todos os tipos (gordo, magro, negro, branco....)

Tanto em desenho como em recorte de revista, pendurados em ganchos (como num açougue)

Atenção: Cada placa deve ter um valor (dinheiro) associado a ele; essas placas deverão ser feitas como se fossem um mostrador de supermercado, de açougue, como se as partes do corpo estivessem à venda.

Sons: Zeca Baleiro – Salão de beleza

Pessoal: Uma pessoa vestida e dramatizando o jeito de um/a Açougueiro/a.

O que queremos transmitir:

Esta é a era do culto ao corpo: malhar, fazer regime, lipo, botox, milhões de cirurgias plásticas,

Tem que usar roupas que marcam, andar na moda, usar roupa de uma cor só, ter adereços originais ...

Fazer a diferença no próprio corpo: tatuar-se, colocar piercing, pintar os cabelos, raspar tudo, fazer cortes extravagantes no cabelo, marcar-se.

As propagandas reforçam esta necessidade o tempo todo e as pessoas estão sempre tentando se aproximar de um modelo de corpo ideal, mascarado pela pintura, pelo truque fotográfico, pela iluminação na posição correta, pelo contraste do cenário artificialmente montado... mas isso ninguém vê e todo mundo quer ficar igual ao modelo que vê na Tv, na revista, no outdoor, e quanto mais distante a pessoa está daquele modelo, mais infeliz ela fica e mais “presa” fácil ela se torna do mercado de consumo.

O vazio de não conseguir ser aquilo que a sociedade cria como modelo do bom e do certo traz uma grande insatisfação e uma sensação de impotência e de desgosto consigo mesmo.

O corpo fala também, mostra como cada um está, suas fraquezas, seus medos, suas dores.

Como os corpos mostram como estamos?

Como escolho meus pares?

O que no corpo do outro me incomoda? O que desejo pra mim e não tenho?

Por que preciso marcar meu corpo para poder me assegurar de que ele é meu?

No encerramento do evento, trabalhamos com piadas e ditos populares e foi muito fácil a todos os participantes relacionar o que aconteceu nas salas com a piada distribuída em papéis e lida em grupo, e perceber que pela piada, pelo lúdico, se ensina o mal viver na civilização; a piada acaba sendo um elemento que imprime marcas, que dá valor negativo às mais diversas diferenças...

Voltando a Freud, podemos agora olhar para o que ele nos apresenta em outra parte do texto utilizado neste artigo:

A vida, tal como a encontramos, é árdua demais para nós; proporciona-nos muitos sofrimentos, decepções e tarefas impossíveis. A fim de suportá-la, não podemos dispensar as medidas paliativas. Não podemos passar sem construções auxiliares, diz-nos Theodor Fontane³. Existem talvez três medidas desse tipo: derivativos poderosos que nos fazem extrair luz de nossa desgraça; satisfações substitutivas, que a diminuem; e substâncias tóxicas, que nos tornam insensíveis a ela. (FREUD, 1974, p. 93)

Poder participar de um grupo e elaborar, criar, ousar formas de levar a outros adolescentes e jovens questões reflexivas sobre o viver em sociedade para que juntos possam pensar, refletir e propor outras combinações possíveis tem sido um caminho encontrado tanto no mundo do tráfico como em algumas escolas e ONGs. Isso nos mostra que o velho e atual Freud ainda tem muito a nos ensinar.

Inconcluindo....

Começamos este ensaio com a fala de um menino de 10 anos que vive no tráfico, que brinca com a vida. Brinca porque é criança, vive porque é teimoso.

A vida assim vivida, com adrenalina e suposto poder, lhe apresenta alternativas entregues por quem dele cuida, a seu modo, como pode, com controle, sob ameaça e no código do que nestes tempos se construiu com o nome de civilização.

A clareza com que Freud aborda o viver em sociedade nos incentiva a tentar encontrar as linhas de fuga que serão os suportes para acreditarmos que é possível viver a

³ N. T. Não foi possível descobrir a origem dessa citação.

dialética de cuidar de si e do outro na busca pelo que ele chama de civilização, ou “a luta da espécie humana pela vida” (Freud, 1974, p.145).

REFERÊNCIAS

BIRMAN, Joel. **Mal-estar na Atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005

COSTA, Jurandir Freire. **Violência e Psicanálise**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2003.

CUCHE, Denys. **A Noção de Cultura nas Ciências Sociais**. Bauru: EDUSC, 1999.

FREUD, S. **Mal estar na civilização**. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

KEHL, Maria Rita. **Sobre Ética e Psicanálise**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

MARIA TERESA DE ARRUDA CAMPOS

Psicóloga e pedagoga – membro do DIS mestranda em
Educação, UNICAMP

RICARDO DE CASTRO E SILVA

Psicólogo – membro do DIS – doutorando
em Educação, UNICAMP

Artigo recebido em: 25/09/2006

Artigo para publicação em: 27/12/2006